

# O SENTIDO DE LUGAR NO ESPAÇO RESIDENCIAL: UMA AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO PESSOA-AMBIENTE NO CONTEXTO PÓS-PANDEMIA

Luana Alves de Oliveira / UFPE

Lourival Lopes Costa Filho / UFPE

## 1. RESUMO

Este artigo apresenta o estado atual da pesquisa de doutorado "O sentido de lugar no espaço residencial", com foco no desenvolvimento de sua metodologia. Tendo como base as recomendações propostas por estudos recentes e o contexto do período pós-pandemia, a pesquisa utilizará procedimentos e ferramentas da Ergonomia do Ambiente Construído e da Teoria das Facetas com o objetivo de reabilitar o papel do espaço na compreensão das relações das pessoas com os lugares. A estrutura metodológica da pesquisa foi elaborada de modo a testar a hipótese de que a análise dos resultados, obtidos a partir da sobreposição de facetas físicas e emocionais, irá identificar, de forma objetiva, a influência de diversas características físicas do espaço residencial na criação de um sentido de lugar.

**Palavras-chave:** Sentido de Lugar; Ergonomia do Ambiente Construído; Teoria das Facetas; Espaço Residencial.

## 2. INTRODUÇÃO

Lugar é definido como o espaço sobreposto de significado e apego a indivíduos ou grupos de indivíduos, bem como uma dimensão formada pela relação das pessoas com ambientes físicos e as atividades realizadas. Para Hamzei et al (2020), a diferença entre espaço e lugar pode ser descrita como semelhante à diferença entre uma casa (o abstrato) e um lar (o pessoal), e em arquitetura, o espaço ainda pode ser considerado como a matéria-prima que se transforma em lugar depois que o design é apresentado a ele.

A primeira impressão de um lugar é algo automático, mas criar um verdadeiro sentido de lugar vai além disso. Segundo Petit (2015), o lar é uma experiência e uma imagem espacial; com ele se cria pertencimento e identidade. Nessa vivência participam as memórias e ideais pessoais e coletivos sobre o que deve ser considerado um lar, visto que se trata de um conceito multidimensional e claramente separado da ideia de casa – é um “lugar” e não apenas um “espaço”.

Toda estrutura física limita e possibilita ao mesmo tempo, pois abre um campo de possibilidades de ação. A habitação pode ser vista como uma estrutura que, embora restritiva, permite uma vida social e individual que não existiria sem ela. É, portanto, um espaço transformado, sobretudo no seu aspecto interior, apropriado simbolicamente por seus habitantes e que também funciona como molde e canal de comportamentos: consolida rotinas, cenários, identidades pessoais e grupais, estruturando o cotidiano, o indivíduo e a sociedade. (PETIT, 2015).

A ocorrência de desastres naturais ou provocados pelo ser humano ao longo da história, e, atualmente, a pandemia da Covid-19, nos fazem lembrar do poder dos lugares e das nossas ligações com eles. Os autores do livro “Place Attachment: Advances in Theory, Methods and Applications” atestam que o recente lançamento de sua segunda edição, apesar de ter sido

pensada para preencher uma lacuna de quase 30 anos de pesquisa sobre o tema, ocorreu durante outra mudança radical – a pandemia ocasionada pelo novo coronavírus e suas consequências. Sendo assim, para Manzo e Devine-Wright (2021), essa seria certamente uma oportunidade para um futuro volume considerando tais impactos nas relações entre pessoas e lugares.

A necessidade de se entender a ligação das pessoas com os lugares tem sido ampliada à medida que enfrentamos precariedades socioespaciais [...]. A pandemia é, [...], um dos inúmeros desafios globais que nos convocam a reconsiderar [...] nossas relações com os lugares – a ponderar os emaranhamentos de posições e o dinamismo de lugares, comunidades e conexões, [...]. Nossa circunstância atual nos incita a entender nossas relações com os lugares com ainda maior urgência e, nesse contexto, podemos apreciar as complexidades, nuances e dinamis- mos de nossas ligações com lugares ainda mais. (MANZO E DEVINE-WRIGHT, 2021, p. 1, tradução da autora).

Apego ao lugar, identidade de lugar e sentido de lugar são alguns conceitos que podem descrever a qualidade das relações das pessoas com um lugar (NAJAFI E SHARIFF, 2011). No caso de arquitetos, urbanistas e designers, que pesquisam essas ligações existentes entre pessoas e lugares na sua prática, o estudo dessas relações pode proporcionar uma perspectiva que enfatiza, ao mesmo tempo, os lugares físicos como espaços de apego, e a escala da comunidade advinda dessas ligações. Isso, direcionando o olhar para a maneira como essas conexões podem informar uma prática de design que seja socialmente responsiva e participativa.

O conceito de sentido de lugar é usado no estudo de vínculos humanos-lugar, apego e significado do lugar, e geralmente é definido como uma impressão abrangente que envolve as maneiras gerais pelas quais

as pessoas se sentem sobre lugares, os sentem e atribuem conceitos e valores a eles. A criação ou preservação do sentido de lugar é importante para manter a qualidade do meio ambiente, bem como a integridade da vida humana dentro dele, afirma Najafi e Shariff (2011).

### 3. JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Com a pandemia provocada pelo coronavírus, que completou dois anos no início de 2022, o relacionamento com o lugar que chamamos de lar mudou, mais uma vez. Sendo assim, entende-se que a percepção acerca das características físicas do ambiente residencial também mudou, bem como o impacto destas em aspectos funcionais e emocionais de seus usuários. Nos períodos mais críticos, populações inteiras passaram a ficar o dia todo dentro de casa, quando a regra social, até então, era a de trabalhar e/ou estudar fora e chegar em casa, muitas vezes, apenas para dormir. Principalmente durante a fase de isolamento social mais restrito, as pessoas se viram presas em um espaço que não representava sua identidade e tampouco correspondia às suas novas necessidades, ao qual não eram apegadas e onde não encontravam, portanto, sentido de lugar.

Conceitos como apego ao lugar e identidade de lugar, estão filiados a facetas afetivas para alguns autores e a facetas cognitivas para outros, afirma Sebastien (2020)<sup>1</sup>. A partir de seus últimos estudos, é possível admitir que para ir além e fortalecer a robustez de uma abordagem espacial do sentido de lugar, o arcabouço deve ser mais articulado teoricamente, particularmente no que diz respeito ao tríptico afetivo-cognitivo-conativo.

Segundo Sebastien (2020), quando a questão do sentido do lugar e outros conceitos relacionados são discutidos em termos de última gera-

---

<sup>1</sup> Léa Sebastien realizou uma revisão bibliográfica acerca do tema, trabalho que serviu de base para a fundamentação teórica deste artigo. A autora concluiu seu doutorado em governança ambiental em 2006, na École des Mines, França. É professora assistente de geografia humana na Universidade Toulouse II (França) e pesquisadora sênior do centro de pesquisas Geode CNRS.

ção, a dimensão social atrai uma quantidade desproporcional de atenção em comparação com o espacial. Os conceitos estudados em relação ao lugar dizem respeito, principalmente, aos aspectos sociais do apego, e não como resultado de percepções ancoradas em características físicas do lugar – sendo a verdadeira distinção entre o social e o físico raramente estabelecida na literatura.

Autores que estudam essa relação entre pessoas e ambientes, como Canter (1997), Stedman (2003) e Lewicka (2011) corroboram ao afirmar que a influência dos atributos físicos nos processos psicológicos e comportamentais merece mais atenção, visto que o resultado de processos perceptuais e cognitivos enraizados nas características físicas dos ambientes têm sido pouco explorados.

Para Hamzei et al (2020), uma possível direção que pode ser tomada pelos pesquisadores a partir dessa constatação, é a de investigar o sentido de lugar levando em consideração as facetas emotivas, funcionais e físicas do lugar. Segundo os mesmos autores, “o potencial trabalho futuro na formalização de facetas emocionais, funcionais e físicas foi observado” (p. 23, tradução da autora). A interdisciplinaridade da temática também é enfatizada, ao passo que as publicações que contribuem para a caracterização de facetas emocionais e funcionais (antropocêntricas) pertencem principalmente à Geografia Humana, Ciências Sociais e Psicologia Ambiental, enquanto as facetas espaciais e físicas (geográficas) são extraídas principalmente de publicações pertencentes à Ciência da Informação Geográfica e da Arquitetura. (HAMZEI et al, 2020).

Desse modo, através da união do Design com a Psicologia Ambiental, é possível buscar na Ergonomia as respostas para essas questões relacionais. Para Khalid (2004), a união dos estudos dos fatores humanos à Ergonomia converge no conceito do projeto ergonômico afetivo. Este, através da aplicação de conceitos de projeto centrado no usuário e de estudos de percepção ambiental, busca compreender as habilidades, o processo

cognitivo e a capacidade de processamento de informações do usuário, para propor soluções efetivamente acessíveis. De modo a então alcançar os melhores resultados, precisa-se conhecer as características das diversas dimensões humanas: sensoriais, cognitivas, responsivas, que compreendem a automotivação, o afeto, o prazer, a percepção que o usuário tem do mundo, etc.

Entende-se que a sociedade é composta de indivíduos com suas próprias histórias, valores, identidades e apegos, que só podem se desenvolver dentro de um espaço. Este, quando lugar, oferece uma compreensão relacional em que as pessoas e seus ambientes são produtos de suas várias conexões e constroem seus lugares tanto a nível de representação como de materialidade – assim, funcionam como facilitadores e mediadores de certas relações sociais que condicionam a formação de identidade e o comportamento (SEBASTIEN, 2020).

Com essa pesquisa, pretende-se, portanto, reabilitar o papel do espaço na compreensão das relações das pessoas com os lugares. Tendo como base a problemática apresentada e as recomendações propostas por estudos recentes, utiliza-se a Teoria das Facetas para a formulação de hipóteses com o intuito de compreender como as características físicas do espaço residencial relacionam-se com o conceito de um sentido de lugar (apego, ligação, significado, identidade), considerando o contexto de pós-pandemia.

A Teoria das Facetas é uma perspectiva de pesquisa que vem sendo aplicada na área da avaliação de lugares na UFPE, principalmente no PPGDesign, em pesquisas envolvendo a Ergonomia do Ambiente Construído. Investigações empíricas desenvolvidas nessa linha têm explorado aspectos relacionados com a percepção, satisfação, interações sociais, conceituações e a noção de efetividade de variados lugares, produzindo resultados cumulativos que têm ajudado a reforçar ou refutar aspectos dos modelos teóricos de avaliação de lugares (COSTA FILHO, 2014).

A experiência metodológica apresentada por Costa Filho (2014) reitera a ideia de que pesquisas de avaliação de lugares devem, portanto, considerar o potencial do uso da Teoria das Facetas, uma vez que sua aplicação pode ajudar a compreender a complexa relação entre as pessoas e o ambiente.

## **OBJETIVOS**

### *Objetivo Geral*

Construir um conceito teórico-metodológico do sentido de lugar no espaço residencial considerando o contexto de pós-pandemia.

### *Objetivos Específicos*

- Determinar as facetas que constroem o conceito de sentido de lugar no espaço residencial considerando o contexto de pós-pandemia.
- Criar um modelo de avaliação de ambientes residenciais que considere as facetas emocionais e as facetas ambientais dos repertórios construídos;
- Identificar, objetivamente, a relação entre as facetas ambientais e as facetas emocionais na construção do conceito de sentido de lugar no espaço residencial.

### *Objeto de Estudo*

A pesquisa estuda a relação pessoa-ambiente no contexto de pós-pandemia para, através de um modelo de avaliação de lugares constituído por facetas ambientais e emocionais, analisar como as características físicas do espaço residencial influenciam na criação de um sentido de lugar, identificando como as facetas ambientais relacionam-se com as facetas emocionais.

## 4. ACHADOS INICIAIS NORTEADORES

De acordo com Sebastien (2020), duas noções estão no cerne dos estudos dos laços existentes entre lugares e sociedade, conduzidos ao longo dos últimos quarenta anos: o apego ao lugar e o sentido de lugar. O primeiro é estudado principalmente em psicologia (ambiental) e o segundo principalmente em geografia e arquitetura, sendo definidos e medidos de várias maneiras.

Outros conceitos também são usados com referência às relações com os lugares, são eles: dependência do lugar, identidade do lugar, significado do lugar, experiências no lugar e satisfação com o lugar (SEBASTIEN, 2020) – o que mostra uma variação considerável com as quais pesquisadores abordam as interações entre pessoas e lugares. Porém, entre as inúmeras abordagens para a Teoria do Lugar (Canter, 1977), é a do tipo fenomenológica (humanística) que explora o significado mais profundo do lugar para a existência do ser humano, e a qualidade subjetiva e emocional dos relacionamentos das pessoas com lugares. Embora menos examinada na literatura, afirma Sebastien (2020), essa abordagem ajuda a identificar as propriedades do lugar que fornecem a apreciação estética, os sentidos e as emoções: o lugar então adquire uma identidade própria, única, que cria amarras e ajuda a ancorar.

Para a constituição do afeto, o contexto parece funcionar como um elemento vital. Logo, os estudos de lugar deveriam considerar a influência tanto das características físicas de um lugar, assim como dos componentes experienciais, interativos e relacionais dos lugares, para a criação de um sentido de lugar. (THRIFT, 2008; STEDMAN, 2003; RELPH 1985).

Um lugar, com suas diferentes entidades naturais e culturais, potencializa dois fenômenos principais sobre os indivíduos: emoções (estudadas por meio do apego ao lugar) e representações (estudadas por meio de significados de lugar). Os apegos com um lugar são formados pelo de-



envolvimento de sentimentos a respeito do lugar, dotando-o de um significado particular (RAMKISSOON et al, 2013). Segundo Stedman (2003), as características físicas passam a afetar a formação dos apegos, mas é o significado que essas características representam que forjam as relações com o lugar.

A Figura 01 apresenta uma proposta de framework para uma abordagem espacial do sentido de lugar, desenvolvida por Sebastien (2020). Nela, o apego ao lugar é operacionalizado usando dois subconstrutos: dependência do lugar (conexão baseada na capacidade de um lugar de satisfazer certas necessidades instrumentais) e identidade do lugar (conexão simbólica entre o indivíduo e o lugar que transcende a instrumentalidade). A identidade do lugar atua, portanto, como um importante impulsor do apego das pessoas ao lugar, com importantes consequências conativas. Sua conexão com o apego ao lugar ilustra os fortes laços entre identidade e emoção.

Já o significado de lugar é representado por Sebastien (2020) pelo papel do lugar na vida cotidiana dos indivíduos, analisado por meio das experiências no lugar (tempo passado no lugar, história) e da satisfação com o lugar (avaliação das características físicas). Em outras palavras, trata-se de identificar os componentes experienciais, interativos e relacionais do lugar, bem como o valor percebido e as expectativas sobre um lugar.

Atualmente, não há um consenso claro sobre as definições de apego ao lugar e significado do lugar. No entanto, segundo Sebastien (2020), a maioria dos estudiosos os entendem como componentes de um fator de ordem superior, que é o sentido de lugar – considerado um conceito guarda-chuva ou abrangente. O conceito de sentido de lugar parece ser o mais unificador, destacando a importância de se levar em consideração tanto as emoções sentidas sobre os lugares (apego) quanto suas representações (significados) (SEBASTIEN, 2020).

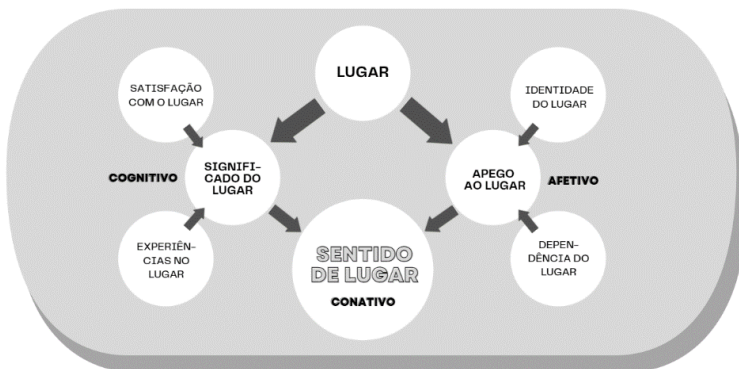


Figura 01. Proposta de framework para uma abordagem espacial do sentido de lugar.

Fonte: Adaptado pelos autores, baseado em Sebastien (2020).

Portanto, a estrutura (Figura 01) montada por Sebastien (2020) apresenta a combinação de emoções e representações de forma integrada ao conceito de sentido de lugar. Essa construção alinha-se à maioria dos estudos que buscam descrever as interações pessoas-lugar por meio de três dimensões, representadas por facetas:

1. Facetas cognitivas (crenças e percepções): representadas pela esfera de significado;
2. Facetas afetivas (emoções e sentimentos): representadas pela esfera de apego;
3. Facetas conativas (intenções e ações comportamentais): que refletem o desejo dos indivíduos de manter conexões com o lugar, e que são ocasionalmente evidenciadas em respostas espaciais - refletidas no conceito de sentido de lugar.

Segundo Hamzei et al (2020), faceta é definida e usada como um termo geral e inclusivo que substitui termos como propriedades, atributos, características e aspectos, e podem, portanto, ser consideradas como unidades com as quais as conceituações de lugar podem ser construídas.

A Teoria das Facetas é um procedimento de pesquisa criado e desenvolvido por Louis Guttman, durante os anos 1950, na tentativa de suprir a falta de clareza na definição dos problemas de pesquisa, bem como a fragilidade dos procedimentos estatísticos empregados no campo das Ciências Sociais. Permite integrar conceitos e dados para facilitar sua legitimação em sistemas multidimensionais, bem como medições com base nas teorias, propondo procedimentos para a identificação dos componentes conceituais do projeto de pesquisa e a descrição de suas relações. (COSTA FILHO, 2014).

Costa Filho (2014) afirma, ainda, que o uso da Teoria das Facetas envolve inicialmente a identificação dos diferentes conceitos ou dimensões que delineiam a pesquisa, que pode advir da literatura sobre o assunto, na qual relações são apontadas, ou de explorações *in loco*. Com isso, segundo o autor, parte-se para o estabelecimento das hipóteses, representadas pelo conjunto de categorias conceituais que são inicialmente julgadas pertinentes ao estudo (facetas) e suas relações com outras categorias (outras facetas) também relevantes.

De acordo com Canter (2012), a Teoria das Facetas pode ser definida, portanto, como uma meta-teoria, que especifica, com certo grau de rigor, os componentes das teorias utilizadas nas pesquisas e o modo como as hipóteses formuladas e derivadas desses componentes teóricos podem ser testados.

Hamzei et al (2020), em seus estudos, trouxe uma sistematização dos conceitos relacionados ao sentido de lugar, de maneira semelhante ao que fez Sebastien (2020). Neste caso, os autores definem as facetas primitivas como aquelas que tratam de aspectos específicos do lugar (por exemplo, sua relação com as pessoas).

A distinção entre facetas antropocêntricas e facetas geográficas (Figura O2) surge da perspectiva sobre o sentido de lugar (HAMZEI et al, 2020). Enquanto o grupo geográfico captura facetas que descrevem pro-

priedades espaciais e físicas de lugares, o grupo antropocêntrico contém facetas que capturam as relações de indivíduos ou grupos de pessoas com lugares. Aqui, segundo Hamzei et al (2020), a subdivisão entre a perspectiva individual e social é feita após a diferenciação das facetas antropocêntricas em facetas funcionais e facetas emotivas, que, por sua vez, são diferenciadas pela distinção entre que atividades potenciais um lugar pode oferecer e que ligações emocionais e sentimentos ele desencadeia entre as pessoas.

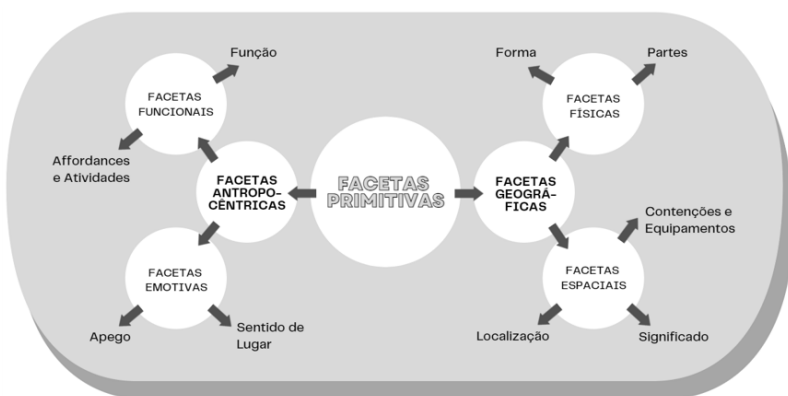


Figura 02. Agrupamento hierárquico de facetas primitivas.

Fonte: Adaptado pelos autores, baseado em Hamzei et al (2020).

A categoria das facetas funcionais antropocêntricas ainda pode ser subdividida em duas subcategorias, quais sejam, 1| affordances e atividades e 2| função. A primeira refere-se a respostas individuais sobre o que um lugar pode fornecer, enquanto a segunda é definida como uma resposta menos subjetiva a esta mesma questão.

O termo affordance foi introduzido pela primeira vez por Gibson (1979) para descrever a relação entre um agente e um ambiente, e definido como uma ação perceptível oferecida por um ambiente a um agente. Embora tenha sido conceituado para noções genéricas de ambiente

e agente, ele também serve, diz Hamzei et al (2020), para descrever as interações potenciais de uma pessoa e um lugar. Atividade e affordance são diferentes, pois, segundo os autores, refletem, respectivamente, qual ação é realmente realizada em um lugar, em oposição a quais ações são possíveis ou apoiadas por ele. A diferença entre os dois termos está, portanto, relacionada ao fato de as ações serem efetivamente realizadas ou apenas potencialmente realizáveis.

Função é uma faceta de lugar que descreve o que um lugar pode oferecer a um grupo de pessoas. Sendo assim, transmite um significado compartilhado em comparação às atividades e affordances. Papel social e dimensão social do lugar são outros termos usados para descrever os impactos e contribuições dos lugares nos grupos sociais, aponta Hamzei et al (2020).

Já as facetas emotivas antropocêntricas, 1| apego e 2| sentido de lugar, tem como objetivo capturar emoções relacionadas ao lugar como uma relação puramente subjetiva (individual).

Ambas consideram a relação emocional subjetiva entre uma única pessoa e um lugar (por exemplo, a sensação de lar para o morador da casa). Porém, enquanto o sentido de lugar captura como um lugar é sentido por um indivíduo e descreve uma gama menos estruturada de emoções positivas e negativas (passando por neutras ou mesmo difíceis de categorizar), o apego está relacionado a sentimentos positivos e ao vínculo de uma pessoa com um lugar particular (HAMZEI et al, 2020).

A segunda categoria de facetas primitivas abrange as propriedades físicas e espaciais dos lugares. As facetas geográficas estão relacionadas à onde um lugar está e a como ele se parece. Compreendendo, segundo Hamzei et al (2020), características de lugar descritas como meio ambiente, ambiente físico, elementos físicos, propriedades estruturais e dimensão formal nas conceituações de lugar.

O grupo de facetas geográficas pode ser ainda dividido com base nos conceitos que sustentam suas facetas, ou seja, se a faceta está relacionada

à dimensão física do lugar (forma e propriedades do material, como características físicas) ou a propriedades espaciais (como localização e limite).

As facetas físicas geográficas compreendem as características físicas, forma, material e aspecto do design do lugar. Elas podem ser definidas como qualquer tipo de informação relacionada à aparência de um lugar, com base no senso comum. E, segundo Hamzei et al (2020), dois tipos notáveis são observados na literatura: 1| estilo e forma e 2| estrutura e partes.

A forma (ou estilo) é uma faceta que descreve a aparência de um lugar em relação aos aspectos arquitetônicos e morfológicos. As partes (ou estrutura), representam a dimensão constitutiva e de composição, são facetas de significados semelhantes relacionados à estrutura interna de um lugar - um lugar é considerado um contêiner de outros lugares (por exemplo, uma casa é composta por cômodos) e, conseqüentemente, a aparência de um lugar pode ser respondida por meio de referências às suas partes (HAMZEI et al, 2020).

Já as facetas espaciais geográficas são as propriedades que descrevem as relações entre lugares e o espaço. O grupo ainda pode ser dividido em subgrupos que podem ser usados para investigar 1| um lugar localizado no espaço, 2| o significado do lugar em relação ao espaço e 3| as relações espaciais entre os lugares.

O primeiro subgrupo de facetas descreve lugares isoladamente e captura principalmente em quais locais o lugar é encontrado. O segundo refere-se a facetas que se concentram na relação genérica de lugar e espaço como escala de interação.

O terceiro subgrupo inclui facetas sobre relações espaciais entre lugares, muitas vezes conceituadas como objetos, a exemplo de contenções e equipamentos. As propriedades espaciais de um lugar em relação a outros lugares se projetam em uma faceta conhecida como acessibilidade. As escolhas que motivam as pessoas se moverem de um lugar para outro também são influenciadas por seu conhecimento experiencial da

acessibilidade dos lugares, afirma Hamzei et al (2020). E, devido à sua importância nas experiências humanas do espaço, Jonietz (2016) considera a acessibilidade dos lugares como um dos principais fatores na avaliação de suas qualidades.

## 5. DEFINIÇÃO DA METODOLOGIA DE PESQUISA

O desenvolvimento da metodologia que será aplicada na pesquisa partiu de pressupostos elaborados diante do exposto na fundamentação teórica preliminar. E, complementarmente, considerou-se os direcionamentos propostos por uma pesquisa de realidade similar.

Nos estudos de Roazzi et al (2009)<sup>2</sup>, os resultados relativos à relação entre satisfação e apego levaram os autores a hipotetizar quais processos afetivos importantes podem estar envolvidos na determinação da satisfação com um lugar – um dos objetivos principais da Ergonomia do Ambiente Construído, que leva em consideração o conceito de design centrado no usuário.

Os autores do estudo citado indicam, portanto, que pesquisas futuras poderiam investigar quais relações existem entre esses dois aspectos – se, por exemplo, o apego (faceta emocional) exerce um efeito importante sobre a satisfação (faceta funcional). Uma implicação mais teórica da pesquisa poderia ser, ainda, um ajuste da definição de satisfação residencial que incluísse componentes afetivos, visto que foram levantadas em seus estudos, questões acerca das fontes de satisfação, da natureza e função do apego aos locais de residência e do investimento emocional onde vivemos. Um outro direcionamento seria entender se os componentes afetivos podem ser distinguidos, considerando como se relacionam a outros laços psicológicos com o ambiente residencial (como o enraizamento ou pertencimento) (ROAZZI et al, 2009).

---

<sup>2</sup> Estudo realizado pela UFPE em parceria com o Istituto di Scienze e Tecnologie della Cognizione del C.N.R., na Itália, que visou explorar a estrutura de satisfação residencial e o surgimento de apego ao lugar em diferentes culturas, utilizando procedimentos e ferramentas da Teoria das Facetas.

Os achados teóricos explicitam que facetas relacionadas ao sentido de lugar compreendem, juntos, os aspectos perceptivos cognitivos e afetivos da relação entre pessoas e lugares ou, os aspectos geográficos e antropocêntricos, em outra abordagem. Ambas abordagens apresentadas, portanto, abrangem facetas que fazem referência a características físicas de um lugar e a características emocionais de uma pessoa em relação a um lugar. Baseado nessa constatação, levanta-se a hipótese de que ao analisar os resultados obtidos a partir do cruzamento e/ou sobreposição dessas facetas, possa-se identificar, de forma objetiva, a influência de diversas características físicas do ambiente construído residencial na criação de um sentido de lugar.

Como a pesquisa de sentido de lugar é necessariamente conduzida com referência a um determinado grupo de pessoas em um determinado lugar, tirar conclusões gerais depende de interpretações de evidências de caso acumuladas. Logo, a investigação proposta pode ser definida como empírica, do tipo exploratória e sem o emprego de técnicas probabilísticas.

A Teoria das Facetas é um procedimento de pesquisa que facilita expressar suposições teóricas de tal forma que se pode examinar empiricamente a sua validade (BILSKY, 2003). Sua abordagem fornece base estrutural para a pesquisa, podendo ser, portanto, definida como uma meta-teoria, que especifica, rigorosamente, os componentes das teorias e o modo como as hipóteses formuladas e derivadas desses componentes teóricos podem ser testados (COSTA FILHO, 2014).

A Teoria das Facetas será utilizada na pesquisa para verificar se a estrutura teórica construída pode ser encontrada na estrutura dos dados empíricos graficamente apresentados, ou seja, se a representação gráfica dos dados empíricos possui uma estrutura que corresponde ao modelo teórico proposto.

Para que essa objetivação seja possível, as facetas serão estabelecidas, como normalmente, a partir de três tipos básicos: a faceta da popu-



lação dos sujeitos considerados em uma dada pesquisa; as facetas com o conteúdo das variáveis a serem pesquisadas; e a faceta do racional, que se refere ao universo das possíveis respostas. É importante estabelecer, primeiramente, uma sentença estruturadora geral, que irá atuar como uma suposição inicial da pesquisa, relacionando os elementos teóricos e empíricos com seus possíveis resultados que, ao corroborar ou contestar a estrutura montada, devem ou não servir de base para a construção de uma nova sentença, destaca Costa Filho et al (2016).

Dito isso, primeiramente, a partir de profunda revisão bibliográfica, será definido um repertório de facetas que caracterizem aspectos físicos e emocionais do ambiente construído residencial. Com base no repertório construído, será construída a sentença estruturadora geral, aqui tratada como um modelo para a avaliação de lugares, que originará um questionário, composto por questões estruturadas com base nessa sentença estruturadora. Este, será aplicado aos sujeitos participantes da pesquisa, como método de procedimento para coletar os dados.

O objetivo será o de captar a relação do sujeito pesquisado com o ambiente residencial, frente aos desafios impostos pelo contexto de pós-pandemia. Sendo assim, cada item do questionário irá apresentar uma combinação de um elemento (ou de um aspecto desse elemento) de cada grupo de facetas, de modo que se refiram a uma qualidade formadora do sentido de lugar, a um nível específico ou geral.

O instrumento de pesquisa se baseia no Sistema de Classificações Múltiplas (SSA), que é um procedimento que consiste em pedir aos participantes para classificar os mesmos elementos diversas vezes, através de critérios por eles definidos (classificações livres) ou pelo pesquisador (classificações dirigidas), para entender seus conceitos/opiniões sobre eles (CANTER et al, 1985).

Os dados brutos obtidos alimentam, posteriormente, o software HUDA-P (Hebrew University Data Analysis Package) com as informações ne-

cessárias para iniciar seu processamento no SSA. A matriz gerada pelo SSA permite gerar um diagrama do espaço, onde cada uma das facetas de conteúdo é testada, com o intuito de responder às hipóteses e aos objetivos inicialmente formulados.

Segundo Roazzi et al. (2009 apud COSTA FILHO, 2012), esse sistema de escalonamento multidimensional foi idealizado de modo a analisar uma matriz de correlações entre "n" variáveis, representadas graficamente como pontos em um espaço euclidiano de baixa dimensão, chamado de "menor espaço", de forma que quanto maior a correlação entre as variáveis, menor a distância entre os pontos. As relações de similaridades podem, desse modo, formar regiões de contiguidade que possibilitam verificar se as suposições iniciais, fundamentadas na Teoria das Facetas, são transformadas em suposições regionais, em relação às quais se espera evidenciar regiões que correspondam aos elementos internos de cada faceta.

As facetas têm, portanto, papel específico na estruturação desse espaço multidimensional. Nesse método, onde a análise de dados visa principalmente verificar a correspondência proposta entre a estrutura da faceta e uma estrutura empírica de observações, quanto mais as questões são semelhantes entre si em termos de seus elementos de faceta, mais altamente intercorrelacionadas é esperado que sejam, afirma Roazzi et al (2009).

As hipóteses relacionadas com a especificação das facetas são expressas como "hipóteses regionais" que estão associadas à geometria da SSA. É hipotetizado, de fato, que no espaço da SSA pode-se identificar uma região correspondente para cada elemento especificado para cada faceta (ROAZZI et al, 2009). Cada região é especificada para um determinado subconjunto de variáveis no espaço multidimensional, que as identifica através de um elemento interno comum pertencente a uma das facetas da sentença estruturadora. Essas regiões tomam formas de separação muito específicas, como faixas paralelas (axial), configurações circulares (modular), ou angulares (polar) (COSTA FILHO et al, 2016).

As análises das projeções geométricas produzidas pela SSA podem, portanto, revelar diversas relações e regras implícitas aos dados obtidos, inicialmente ocultos nas análises usuais. Caso essas suposições regionais sejam confirmadas, aspectos relativamente estáveis do conceito investigado são desvendados, legitimando-os, além de revelar a estrutura interna de conceitos e atributos, o que possibilita a percepção dos componentes empiricamente verificados e o modo como se relacionam entre si (SHYE et al., 1994).

Na Figura 03, observa-se um modelo estrutural da metodologia de pesquisa (em desenvolvimento).



Figura 03. Etapas da Pesquisa.

Fonte: Elaborado pelos autores.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a execução da pesquisa, o problema em questão será contextualizado historicamente, politicamente, economicamente, socialmente e culturalmente. Isso, de modo a determinar os recortes quanto ao tipo (ou tipos) de população abordada e a(s) tipologias residenciais consideradas na investigação.

Entende-se que, em relação aos participantes da pesquisa, a idade, classe socioeconômica, saúde (de modo geral), etc., podem ser fatores determinantes na avaliação de lugares, principalmente ao considerar as consequências globais decorrentes da pandemia. Do mesmo modo, o tempo de residência, bem como a quantidade de residentes, a tipologia e a dimensão

territorial da residência, se mal especificados, podem representar vieses. Tomando-se consciência dessas questões, os protocolos de pesquisa estão sendo elaborados de modo a conter possíveis resultados dúbios ou falhos.

Destaca-se, portanto, que tendo a pesquisa como um de seus objetivos específicos o de investigar o impacto da pandemia da Covid-19 na relação pessoa – espaço residencial, potencializa-se sua aplicação como uma investigação intercultural, seja nacionalmente ou internacionalmente. Entende-se que a nacionalidade da população abordada pode ser diversa ao constatar-se que praticamente todos os países do mundo foram atingidos pela doença, e, devido a aplicação de questionários poder ser realizada de forma on-line, não há limites quanto a abrangência geográfica da pesquisa, desde que consideradas as diferenças culturais existentes no modo de morar de cada nação.

Nesse sentido, tal oportunidade é potencializada com a inserção da pesquisa no Grupo de Pesquisa “Ergonomia Aplicada ao Ambiente Construído” – parceiro do Laboratório de Ergonomia Aplicada e Experimental (LEAS) da Universidade Frederico II em Nápoles, Itália.

Espera-se, principalmente, que os resultados encontrados confirmem a hipótese norteadora da pesquisa e que seja possível identificar, de forma objetiva, a influência de características físicas do ambiente construído residencial na criação de um sentido de lugar. Do mesmo modo, acredita-se que o modelo de avaliação de lugares elaborado na pesquisa possa auxiliar outros estudos de avaliação de lugares, principalmente na área da Ergonomia do Ambiente Construído.

Também almeja-se contribuir para a área de Design e Ergonomia do Ambiente Construído e pesquisas multidisciplinares relacionados ao design centrado no usuário, de modo que futuras pesquisas tomem os resultados como referência ao buscar compreender as relações complexas entre pessoas e ambientes, principalmente no contexto residencial – objeto de estudo da investigação em andamento.

## REFERÊNCIAS

- BILSKY, W. A Teoria das Facetas: noções básicas. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 8, n. 3, (p. 357-365). 2003.
- CANTER, D.; BROWN, J.; GROAT, L. Multiple Sorting Procedure for studying conceptual systems. In Canter, D.; Brown, J.; Brenner, M. (Org.). *Research Interview: use and approaches*. London: John Wiley, 1985.
- CANTER, D. The facets of place. In: Moore, G.T., Marans, R.W. (Eds.), *Advances in Environment, Behavior, and Design, No 4: Toward the Integration of Theory, Methods, Research, and Utilization* (p. 109-147). New York: Plenum, 1997.
- CANTER, D. *Facet theory: Approaches to social research*. Springer Science & Business Media, 2012.
- CANTER, D. *The psychology of place*. Architectural Press, 1977.
- COSTA FILHO, L. L.; OLIVEIRA, I. F.; YOKOYAMA, S. A. A qualidade percebida da paisagem midiática do comércio varejista de Caruaru. In: Mont'alvão, C.; Villarouco, V. (Orgs.). *Um novo olhar para o projeto: a ergonomia do ambiente construído*. Recife: Editora UFPE, 2016.
- COSTA FILHO, L. L. *Midiápolis: comunicação, persuasão e sedução da paisagem urbana midiática*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Pernambuco, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. 2012.
- COSTA FILHO, L. L. O enfoque da teoria das facetas na avaliação de lugares. V Eneac – Encontro Nacional De Ergonomia Do Ambiente Construído e VI Seminário Nacional De Acessibilidade Integral, 2014.
- GIBSON, J. J. *The ecological approach to visual perception*. Boston: Houghton Mifflin Company, 1979.
- HAMZEI, E; WINTER, S; TOMKO, M. Place facets: a systematic literature review. *Spatial Cognition & Computation*, v. 20, n. 1, (p. 33-81). 2020.
- JONIETZ, D. *From space to place: A computational model of functional place* (Tese). Faculty of Applied Computer Science, 2016.
- KHALID, H. Guest Editorial: Conceptualizing affective human factors design. *Theoretical Issues in Ergonomics Science*, v. 5, n. 1, 2004.

- LEWICKA, M. Place attachment: How far have we come in the last 40 years? *Journal of environmental psychology*, v. 31, n. 3, (p. 207-230), 2011.
- MANZO, L. C.; DEVINE-WRIGHT, P. (Ed.). *Place attachment: Advances in theory, methods and applications*. Routledge, 2021.
- NAJAFI, M; SHARIFF, M. K. B. M. The concept of place and sense of place in architectural studies. *International Journal of Human and Social Sciences*, v. 6, n. 3, (p. 187-193), 2011.
- PETIT, B. C. Nuevas formas de apropiación simbólica del espacio doméstico y clase media en la Ciudad de México. *Alteridades*, v. 25, n. 49, (p. 81-91), 2015.
- RAMKISSOON, H; SMITH, L. D. G; WEILER, B. Testing the dimensionality of place attachment and its relationships with place satisfaction and pro-environmental behaviours: a structural equation modelling approach. *Tour Manage*, v. 36, (p. 552-566), 2013.
- RELPH, E. Geographical experiences and being-in-the-world: the phenomenological origins of geography. In: *Dwelling, Place and Environment*. Dordrecht: Springer, (p. 15-31), 1985.
- ROAZZI, A; MONTEIRO, C. M. G; RULLO, G. Residential satisfaction and place attachment: A cross-cultural investigation. In: A. Cohen (Ed.), *Facet Theory and Scaling: In search of structure in behavioral and social sciences* (p. 81-97). Tel Aviv: Facet Theory Association Press, 2009.
- SEBASTIEN, L. The power of place in understanding place attachments and meanings. *Geoforum*, v. 108, (p. 204-216), 2020.
- SHYE, S; ELIZUR, D; HOFFMAN, M. *Introduction to facet theory: Content design and intrinsic data analysis in behavioral research*. Sage Publications, Inc, 1994.
- STEDMAN, R. C. Is it really just a social construction?: The contribution of the physical environment to sense of place. *Society & Natural Resources*, v. 16, n. 8, (p. 671-685), 2003.
- THRIFT, N. *Non-representational Theory: Space, Politics, Affect*. Routledge. London: PAGE, 2008.

## INFORMAÇÕES DOS AUTORES

### **LUANA ALVES DE OLIVEIRA**

<http://lattes.cnpq.br/4237025963252112>

Arquiteta e Urbanista, especialista em Design de Interiores e Mestre em Design. Atualmente é aluna de Doutorado no Programa de Pós Graduação em Design da UFPE, enquadrada na linha de Design, Ergonomia e Tecnologia. É docente e coordenadora do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Estácio de Teresina e atua nas pesquisas relacionadas à Ergonomia do Ambiente Construído.

E-mail: [luana.alveso@ufpe.br](mailto:luana.alveso@ufpe.br)

---

### **LOURIVAL LOPES COSTA FILHO**

<http://lattes.cnpq.br/4538629871153606>

Doutorado em Desenvolvimento Urbano (UFPE/ 2012), Mestrado em Design (UFPE/ 2005), Especialização em Ergonomia (UFPE/ 2002) e Neurociência (IDE/ 2022), Graduação em Arquitetura e Urbanismo (UFPE/ 1985). Professor Associado do Núcleo de Design e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco no Centro Acadêmico do Agreste. Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em Design da mesma instituição.

[lourival.costa@ufpe.br](mailto:lourival.costa@ufpe.br)

---

